

A Tôrre de Garcia D'Ávila

INTRODUÇÃO

Com a transferência do poder administrativo para o Brasil, levada a efeito em 1549 pela Ordem Real de se fundar na Bahia de Todos os Santos uma Cidade-Fortaleza, os problemas básicos do urbanismo foram devidamente estudados e postos em prática. As funções habitar, recrear, circular, trabalhar, abastecer e também defender foram estruturadas e passaram a movimentar a vida da colônia. Com efeito, não ficou ponto por atacar, de logo, pelos dirigentes, em benefício da côrte portuguesa que, a cada instante, quando se fazia necessário, provia a colônia das coisas mais importantes para o seu desenvolvimento. Enviando mestres pedreiros, carpinteiros, telheiros, caeiros, cuidava o Rei dos problemas materiais de habitação e resguardo da nova terra; enviando Governador e outros auxiliares de administração, cuidava da ordem na vila, do povo e da direção dos bens da coroa; enviando homens d'armas, pensava-se na defesa das gentes e na guarda dos tesouros; enviando homens bons, pen-

sava-se no desenvolvimento da colônia; enviando clérigos, cuidava-se da formação moral das famílias que, forçosamente, iriam constituir-se. Como se vê, a côrte portuguesa cogitou, de antemão, suprir as falhas porventura existentes, pois imaginava realizar, longe da Metrópole, uma grande obra. E essa obra civilizadora transformou a nova terra com o passar dos anos, em um país grandioso e cobiçado.

Portugal, no século XVI, firmava-se política e administrativamente nos fundamentos do regime feudal, por isso mesmo o Brasil foi administrado segundo moldes medievais, haja vista que o ato da divisão territorial em capitanias hereditárias era uma simples aplicação de uma política tão em voga nos países europeus. Por certo, nem tôdas as capitanias lograram o desenvolvimento esperado. Os ataques constantes dos gentios ou dos piratas que desejavam também usufruir os benefícios da nova terra prejudicaram sobretudo o trabalho dos donatários e muitos dos beneficiados não arriscaram a fortuna numa empresa duvidosa, e outros viram desaparecer os seus haveres sem esperança de recuperação. Tudo isso contribuiu para o malôgro das capitanias. Frustrada a primeira política de divisãc, resolveu o Rei fundar a primeira cidade com jurisdição no Brasil, sob a sua visão direta. Por êsse tempo, também o regime feudal entrava em decadência na Europa e ia aos poucos cedendo lugar a uma nova forma político-administrativa, com a criação das comunas. Mas, muito longe de desaparecer por completo as formas dos feudos, por fôrça das doações, desenvolveram-se, aqui, na condição de sesmarias, com as quais os beneficiários poderiam usar o terreno em seu próprio proveito e onde se tornaram verdadeiros soberanos com todos os podêres de um senhor feudal. Além disso, a formação social do povo português, firmada no patriarcalismo romano, judeu e muçulmano, favorecia o desenvolvimento dos burgos fortes do Brasil Colônia. Encontrando uma terra admirável pela exuberância de suas matas, farta em águas e ares e encontrando também um povo rude e pobre, semi-selvagem em todos os aspectos, o colonizador procurou impor a fôrça e a sua soberania. O meio possibilitando o desenvolvimento do patriarcalismo feudal e a esperança dos brancos em dominar os índios, fêz implantar nas terras brasileiras o feudalismo medieval, numa época em que o renascimento do humanismo começava a surgir em outros países da Europa. Assim começa a história de nossa raça, assim também começa a história da arquitetura no Brasil.

Prevenindo contra o ataque dos povos da terra, cujas armas eram a flecha e o tacaie, procuraram construir paliçadas ou muros em tôrno das habitações, que, por sua vez, deveriam ser também fortificadas à moda medieval, na forma de tôrres ou casas fortes, como recomendava o próprio D. João III, no Regimento a Tomé

de Souza (1) : Prevenindo contra o ataque de outros povos estrangeiros, cheios de cobiça pelas riquezas da terra dos papagaios, construíram os colonizadores os fortes e baluartes, pois os atacantes de fora possuíam cultura militar suficiente para combater de igual para igual os portugueses. Desde cedo, o receio dos ataques indígenas foi superado pela confiança de uma superioridade armada e os receios voltaram-se para as incursões estrangeiras, daqueles que possuíam forças iguais ou superiores, traduzidas pelas peças de artilharia e pelos engenhos de guerra ou pelas técnicas de ataque. Por isso mesmo, as fortificações primeiras foram transformadas e adaptadas aos novos sistemas que eram introduzidos na Europa. Os melhoramentos em torno da arquitetura militar foram, conseqüentemente, postos em prática no Brasil.

Dentre as primitivas manifestações arquitetônicas militares do Brasil, devemos ressaltar a Casa Torre de Garcia d'Ávila, que representa um marco extraordinário das tradições medievais em nossa terra.

A Casa Torre, construída em Tatuapara, ao norte da Cidade do Salvador, a beira-mar, é uma estrutura admirável e carente de estudos profundos. A história dessas paredes denegridas pelo tempo tem preocupado muitos estudiosos que buscam desvendar os seus segredos e os seus mistérios. As suas paredes rasgadas e as pedras soltas no chão sugerem quase uma infinidade de lendas e estórias encantadas. A sua arquitetura viril e sóbria muitas vezes foi interpretada ao sabor da poesia e do encantamento. As sugestões dos arcos e abóbodas levaram-nos, também, a tentar alguma interpretação.

AS LENDAS E AS ESTÓRIAS

As lendas e os fatos curiosos que emolduram, enriquecendo as obras de Arquitetura mais antigas da Bahia, são geralmente estórias interessantíssimas, divulgadas oralmente, e cujas origens se perdem no tempo. Chegamos a saber alguma coisa sobre esses fatos e lendas através dos textos de alguns cronistas, historiadores e estudiosos, amantes de nossas tradições, que pesquisaram em documentos mais antigos de bibliotecas ou arquivos, e buscaram na tradição oral os fatos curiosos de nossa gente. J. Silva Campos, Borges de Barros, Braz do Amaral, Wanderley Pinho e, atualmente, Godofredo Filho e Pedro Calmon contam fatos sobre a história da Casa da Torre de Garcia d'Ávila que lembramos hoje.

Quantas, porém, perderam-se ou foram esquecidas com o tempo ou foram modificadas pela transmissão daqueles de quem conta um conto.

Cada casa, cada igreja ou cada forte tem uma história curiosa para nos contar. Quantos segredos guardam as paredes de alvenaria de pedra ou tijolo da nossa arquitetura do período colonial? Quanta coisa curiosa, ou quanta lenda estranha, trágica ou cômica enche os espaços dessa arquitetura secular? Existe um mundo de encantamento e fantasia em cada esquina, em cada campanário, em cada rua e em cada praça.

A nossa arquitetura secular poderia fugir a êsse designio? Cada escada, cada balcão, cada sala ou cada alcova vai vestindo-se de cores, enquanto os fatos desfilam através dos tempos, de geração em geração. Quando os monumentos são destruídos pela ação do tempo, pelo fogo ou por artes do próprio homem, as lendas vão sendo esquecidas e uma parcela das nossas tradições vai sendo eliminada do acervo cultural que possuímos. Quantas histórias da antiga Sé, da igreja de São Pedro Velho, do Forte da Gamboa ou do Solar Coronel passaram ao esquecimento. As obras de arquitetura em ruínas ou abandonadas vêm periclitando também o seu passado. Corpo e alma a sentir as injúrias do tempo ou o desprezo dos homens. Ficará somente um grande vazio ou um mundo de saudades ou simplesmente lembrança, até que o tempo encarregue-se de fazer esquecer tudo.

Parece-nos que a obra de arquitetura balana mais nca em lendas é a Casa Tôrre de Garcia d'Ávila, em Tatuapara. Aí então a arquitetura militar, civil e religiosa, num só conjunto, em um só corpo arquitetural. Para cada peça da arquitetura existe, ao menos, um fato estranho a fantasiar suas ruínas.

A capela e parte da casa parecem ser as construções mais antigas da Bahia. Datando do século XVI, é êsse edifício uma das mais belas obras de arquitetura. Feita de tijolos, com suas abóbodas e seus pequenos espaços interiores, fôra modestamente chamada pelo velho Garcia d'Ávila, seu construtor e proprietário, de "minha tôrre".

Residência, defesa e capela guardam estórias e estórias dos primórdios de nossa civilização. Recordamos: a Casa Tôrre de Garcia d'Ávila, em Tatuapara, contém, segundo contam, labirintos, subterrâneos e grutas com várias comunicações, para pontos desconhecidos. Borges de Barros nos diz: "Os subterrâneos saem nas proximidades do mar escavando-se sôbre as rochas, a que, durante muito tempo, deram o nome de "gruta das corujas". "Os subterrâneos eram pontos de maior segurança contra os invasores e depósitos de víveres e haveres". "Além dos subterrâneos havia a 'gruta da onça' onde é tradição dizer-se que os Ávilas guardavam êsses animais em grande número como armas de defesa" (2). Dizem também que muito dinheiro e jóias foram enterrados ou escondidos em alguma parte da casa e, segundo contam, muitas escavações foram feitas, sendo en-

contradas moedas antigas, copos de espadas e escudos. Quanta fantasia existe envolvendo as paredes da velha Tôrre abandonada?

O mestre Godofredo Filho acrescenta: "Merecem ser consideradas as muitas lendas que dizem respeito ao Castelo da Tôrre: são almas penadas que gemem nos subterrâneos ou na sala dos mártiros; são onças ressuscitadas que rugem; cavalhada a horas mortas; rondas de espetros; duelos de sombras; a Tôrre que roda ao luar" . . . "Também o folclore da região, e as suas tradições bizarras correm de bôca em bôca. No oiteiro de ouro, é uma cobra flamejante que à meia noite coleia pelas encostas de pedra. Em Monte Gordo na gruta de Santo Antônio do Jordão, é uma gia enorme que, em noites de tempestade, traz à tona das águas tesouros fabulosos" (3).

A Casa Tôrre vai ligar-se ao sonho das minas de prata de Belchior Dias através Francisco Dias d'Ávila, que é encarregado de descobrir as minas de ouro, prata e mais metais pelos sertões da Bahia. O sertanista destemido avançou sertão adentro, chegou até às águas do São Francisco, seguindo o roteiro indicado. Muita coisa viu, muita coisa sentiu, mas das fabulosas minas de ouro e prata nada encontrou e voltou à sua Tôrre com a notícia de ter achado apenas salitre.

Mais uma vez recorremos ao magnífico trabalho do Prof. Godofredo Filho sobre "A Tôrre e o Castelo de Garcia d'Ávila": "Os ingênuos habitantes do Salitre firmam-se na verdade de uma tradição observada, mas de raízes profundas. O tesouro vive ali.

"Acaso sob o chão que pisam. Porque de sete em sete anos, é anunciado por um índio gigante carregando um facho de luz verde e que seguido de um carneiro de ouro, passeia à noite morta pelos penedos da serra" (4).

O sonho cresceu e a lenda das ricas minas tomou forma e até hoje vive na esperança dos aventureiros.

Mas não só de ambição, de poder e de riqueza foram feitas as lendas que envolvem aquelas paredes vetustas e sombrias; também o amor com suas histórias românticas teve o seu quinhão. Um môço pobre, mas simpático e de boa fala, chamado Manuel Paes da Costa, apaixonou-se pela filha mais velha de D. Catarina Fogaça. Ao amor do môço galante respondeu o amor da jovem de 15 anos. Os sentimentos bons que nascem do coração não vêem, não falam, não ouvem, simplesmente agem — não medem conseqüências, são tão violentos que tohem a reflexão e por isso mesmo são sublimes e admiráveis. Isabel, cheia de alegria, foge com o môço Manuel Paes, de nada valendo a fúria de Catarina Fogaça a pedir justiça, a querer lavar com sangue a honra ultrajada, como era costume no tempo. Os dois uniram-se docemente na igreja do Carmo e Isabel nunca mais voltou para casa.

Recorrendo mais uma vez ao trabalho do Prof. Godofredo Filho, encontramos: "Mas, de tôdas, a mais comovedora história é a que envolve da eterna poesia do amor; um oficial flamengo, forte, mômço, que abre as veias para provar a verdade de seu amor à índia inconstante ou, contam outros, à inacessível castelã" (5).

A própria arquitetura plantada na pequena elevação de Tatuapara, por si mesma, perdida naquele êrmo, tão distante da Cidade do Salvador, nos faz crer que a nossa civilização começou ali e por isso nos orgulhamos ao lembrar os nossos ancestrais que desbravaram sertões, ampliaram nosso território, começaram a povoar e a civilizar a "terra farta e boa", cultivando a semente do direito, da justiça e da liberdade, fazendo-a crescer na grande Nação de hoje.

A Casa Tôrre, edificada entre a vegetação abundante, fôra o baluarte avançado, a Tôrre de vigia a perquerir os horizontes claros. Se alguma nau inimiga despontava ao longe, a Tôrre prontamente enviava os sinais luminosos convencionais de aviso às aldeias dos índios que, por sua vez, transmitiam a tantas outras espalhadas pela costa, até chegar ao Forte de Santo Antônio da Barra e daí à Cidade do Salvador.

Durante o início do século XVII por quantas vêzes a Tôrre deu o primeiro aviso? Mas, passam-se os tempos e a Tôrre transformase em quase palácio, com belas arcadas de pedra, escadarias, varandas, salões. Há um período de paz, de festas, e um dia, porém, chega o abandono, a destruição, a ruína. Contam que as luminárias da Casa Tôrre reacenderam-se por mãos misteriosas a 2 de julho de 1823 — como nos tempos gloriosos dos combates em defesa. "O clarão, agora, diz Borges de Barros, já não era um rebate de perigo, mas um pregão da vitória", "a luz bendita arrancava das trevas para o deslumbramento de uma apoteose de fé ao patriotismo e ao esforço dos brasileiros". "Brilhou pela última vez e apagou-se para sempre. Estava constituída a Pátria" (6).

Falta agora uma história de fé. Além daquela que paralisou o braço armado do inconoclasta que iria cortar ao meio a imagem de madeira de um santo da capela de N. S. da Conceição, na esperança, de encontrar um cacho de bananas de ouro, outra lenda não é contada, e que se saiba, sôbre a capela da Tôrre e suas imagens.

O milagre da fé manifesta-se muito afastado da Tatuapara, sob a égide de N. S. do Monte Serrate, cuja ermida foi construída nas terras de Garcia d'Ávila, em Itapajipe, e depois doada aos padres beneditinos. Este santuário, também construído no fim do século XVI, é uma peça da arquitetura de grande valor não só pelas lições que nos dá a sua técnica construtiva, sua beleza, como pelo grande número de lendas e milagres que ocorreram aí, beneficiando as pessoas

que solicitavam os recursos de Nossa Senhora e mais tarde também São Pedro Arrependido, que fez o Padre Bento Agostinho da Piedade.

Contam que a milagrosa imagem de N. S. do Monte Serrate socorreu e livrou a muitos de enfermidades e perigos. Dêses prodígios há um em particular, referido por Frei Agostinho de Santa Maria em seu *Santuário Mariano*, envolvendo nêle a figura prodigiosa do Padre José de Anchieta.

Conta-se que alguém furtou daquela capelinha um livro precioso que ali estava guardado e, por isso, "tirou-se uma carta de excomunhão mas o agressor não saiu a ela e pelas anos de 1580, pouco mais ou menos, indo o Padre José de Anchieta para a vila do Espírito Santo e quando foi entrar na barra, de repente se lhe mudou o vento que o obrigou a voltar ao mar e andaram nêle tantos dias, quantos foram necessários para esperar o bom tempo". Por outras vêzes tentaram a viagem mas o tempo não permitiu. "Aí foi o santo ao meio do convês e chamando a todos disse em público, nesse navio vem um homem excomungado, por causa disso não entra nem há de entrar na barra; venha a mim quem quer que é que eu tenho podêres e o absolverei" (7). Apresentou-se o homem, entregou o livro na presença de todos e foi absolvido pelo padre provincial José de Anchieta. O tempo ficou claro e só assim puderam prosseguir viagem.

A arquitetura torna-se mais bela, mais querida, mais desejada, quando se reveste de histórias fantásticas e tão antigas quanto a sua própria História.

Difícil, às vêzes, é poder separar a verdade histórica da roupagem da fantasia criada pelo contador de estórias, mas isso não tem muita importância.

A ARQUITETURA E AS REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

Garcia D'Ávila chega à Bahia com Tomé de Souza e logo é encarregado de almoxarife da fazenda del-Rei. Logo cedo entrou em contacto com os habitantes da terra, abarganhando anzóis e te-souras, espelhos e foices, com palha e farinha. Começa aqui a boa amizade do velho Garcia d'Ávila com os gentios estranhos. Por tais motivos e pelas "lendas maravilhosas" que diziam do Continente é que afirma Pedro Calmon: "Garcia d'Ávila imaginou ser um potentado. Assim é que tomou para si alguns dos animais que chegaram do reino e fez curral em Itapagipe". Logo mais, diz Pedro Calmon: "Organizou uma pequena sociedade pastoril que prendeu nos escassos limites de uma quinta. Era a sua "Tôrre de São Pedro dos Rates" (8).

Garcia d'Ávila foi daí ao Rio Vermelho e logo a Itapoã, pedindo ao governador duas léguas de terra para seus currais. Mas,

a sua ambição não estava satisfeita: avançou mais para o norte, cruzou o Pojuca e, na elevação que domina a enseada da Tatuapara, fêz seu pouso definitivo. As suas fazendas se multiplicavam, os seus domínios ampliavam-se cada vez mais. "Esse Garcia d'Ávila, diz Gabriel Soares, tem tôdas as suas fazendas em criações de vacas e éguas e terá alguns dez currais por essa terra adiante" e acrescenta: "Aqui tem Garcia d'Ávila, que é um dos principais e mais ricos moradores da cidade do Salvador, uma povoação com *grandes edificios de casas de sua vivenda*, e uma igreja de Nossa Senhora muito ornada, tôda de abóbada"... (9).

Traçava-se pois de um grande senhor com sua morada e capela com grandes currais de vacas.

Fernando Cardin, acompanhando o visitador Cristóvão de Gouveia na sua peregrinação pelas aldeias dos índios, fundadas pelos padres jesuítas, escreve: "Aquela noite fomos à casa de um homem rico que esperava o Padre visitador; é nesta Bahia segundo em riquezas, por ter sete ou oito léguas de terra por costa na qual se acha o melhor âmbar que por cá há, e só em um ano colheu oito mil cruzeiros dêle sem lhe custar nada, tem tanto gado que lhe não sabe o número e só do bravo e perdido sustentou as armadas d'el Rei. Agasalhou o Padre em sua casa armada de guadamecins com uma rica cama, deu-nos sempre de comer aves, perús, manjar branco, êle mesmo desbarretado servia à mesa e nos ajudava à missa em sua capela, a mais formosa que há no Brasil, feita tôda de estuque e timtim de obra maravilhosa de molduras, lançarias e cornija; é de abóboda com três portas e tem-na muito bem provida de ornamentos" (10).

Até aqui os autores falam em "grandes casas de suas vivendas". Ainda não há referência a fortificação, fazendo supor que a função habitar sobrepuja a função defender. Mas o próprio Garcia d'Ávila em seu testamento denomina sua residência de *tôrre*: "estando eu Garcia d'Ávila, morador na minha *tôrre* de Tatuapara..." e mais adiante: "e nas ditas terra fiz muitas benfeitorias como são a igreja de Nossa Senhora da Conceição e as *casas da tôrre*, pegadas a ela, e outras igrejas pelas fazendas e currais que fiz"... E acrescenta que Francisco Dias d'Ávila ficará "obrigado a ter na dita tôrre um capelão".

Até aqui a idéia de *tôrre* pressupõe moradia, mas o cuidado na defesa aparece expresso no próprio testamento de Garcia d'Ávila quando diz: "Ordeno que para conservação da dita igreja e fazenda e para defesa do pôrto dela estejam todos os índios forros na dita fazenda unidos, como hoje estão..." (11). Vê-se o cuidado tomado para defesa dos edifícios dos quais o mais importante tratava-se, provavelmente, da igreja tão falada por Fernão Cardin.

A expressão *tôrre* vem também consignada no "*Livro que dá Reção do Estado do Brasil*".

— "Da ponta de Santo Antônio para o norte a treze léguas está a *tôrre* de Garcia d'Ávila..." "desta *tôrre* até o Rio Real tôda a terra é fraca, tirando o Rio Itapicuru, é povoada de currais e roças..." (12).

O senhor Garcia d'Ávila criou nas terras do Brasil um grande feudo. Ergueu sua *tôrre* com capela no alto de Tatuapara, para daí dominar e dirigir seus bens espalhados nas fazendas e currais de gado que se multiplicavam para o norte, para o oeste e para o sul, ficando a leste a imensidão do mar — elo de ligação com a metrópole distante.

O Prof. Wanderley Pinho, com especial cuidado e elegância, ataca o problema da Casa *Tôrre* de Garcia d'Ávila, fornecendo valiosa contribuição para o esclarecimento dos problemas arquitetônicos de Tatuapara (13). Parece-nos também nunca ter havido verdadeiro *castelo*, como o entendemos, na colina junto ao Pojuca.

As paredes altas e ameadas de alvenaria de pedra ou tijolo, com *tôrres* flanqueantes nos ângulos das cortinas, parece, nunca existiram aí. Por outro lado o *donjon* indispensável nesse tipo de construção e tão em voga na Europa, ausenta-se do ambiente de Tatuapara. O fôss e pontes levadiças, portas móveis com dispositivos especiais também não deixaram vestígios no terreno, se é que aí existiram, o que nos parece pouco provável.

Por outro lado, sabemos que Garcia d'Ávila fôra inicialmente almoxarife e, agora, transformara-se em grande criador de gado. Essa condição não favorecia de modo algum a construção de um verdadeiro castelo feudal, pois não estava sujeito a ataques constantes de inimigos. Mas, se atentarmos para a condição de alto potentado, senhor de muitas terras e haveres, chegaremos à conclusão de que a formação medieval está presente em tôda a sua obra. A construção como se apresenta hoje pode demonstrar a existência de uma simples casa de morada, com capela anexa. Nesse particular o Prof. Wanderley Pinho cuidou de demonstrar a sua hipótese, acertada, por certo, quando afirma que a capela é construção do século XVI (14). Diríamos que tôda a obra em alvenaria de tijolo pertence ao referido século e não temos receio em afirmar tratar-se da mesma arquitetura encontrada por Fernão Cardin. A capela é a mesma com 3 portas e abóbada de aresta hexapartida, assim como os cômodos que a ladeiam são também abobadados de aresta. Essa construção seria a *tôrre*? Seria igual às *tôrres* de menagem dos castelos medievais? Assim sendo outra obra exterior fazia-se necessária para que o conjunto merecesse o nome de *castelo*. Na verdade nenhum vestígio foi encontrado no local, ao menos na pesquisa feita

por nós. Nada comprova a existência das muralhas torreadas em volta do suposto "donjon". Nenhum curso d'água corre próximo para circular em tórno da construção e constituir um obstáculo. Também a elevação onde está plantada a construção não apresenta bruscas descidas para dificultar o acesso por qualquer dos seus lados (isso também foi notado pelo Prof. Wanderley Pinho em 1929) (15). Tôda a elevação é facilmente vencida sem grande dificuldade por qualquer dos seus lados.

Isso pôsto, parece-nos mais justo classificar a construção conforme os mais antigos autores e também como o próprio Garcia d'Ávila, que chama a sua casa: *tôrre*.

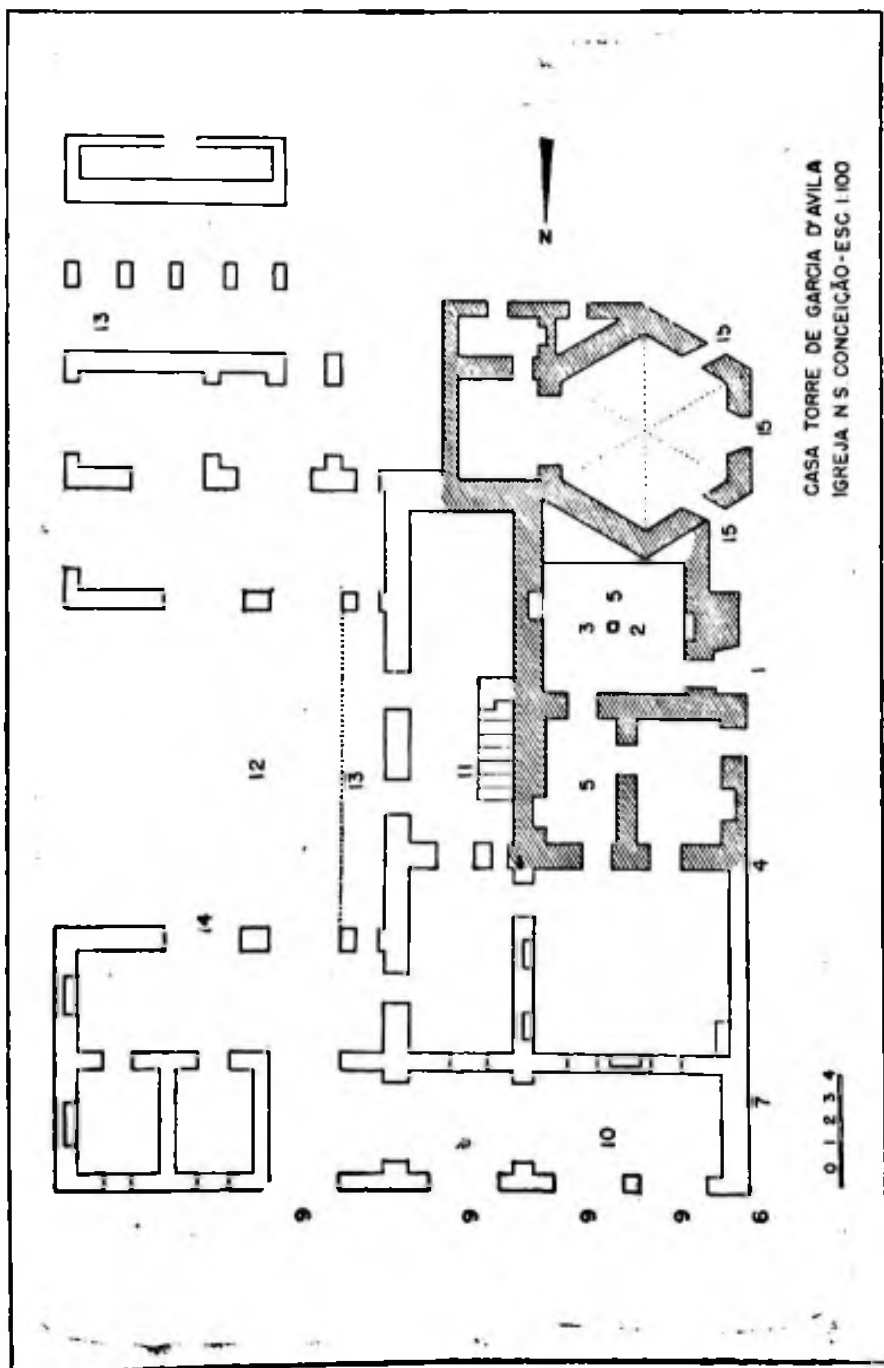
ANALISE DA ARQUITETURA

Tôrre não significa apenas a construção alta, ameada e de paredes maciças com poucas aberturas (seteiras), construída nas elevações para a defesa de um pôrto, ponte, estrada e para servir também de sinalização. Tôrre podia ser também a morada do senhor nos primórdios da Idade Medieval e, por isso mesmo, por suas condições de bifuncionalidade: militar-habitacional, recebe o nome especial de tôrre "gentilizie". Essas foram também assobradadas, ameadas, com paredes lisas e poucas aberturas, edificadas próximas ou mesmo no interior das povoações. Tôrre podia ser a casa senhorial mais importante da região, cuja função era abrigar o senhor e seus familiares e também dar guarida aos vizinhos. Essa particular forma de defesa-habitação recebe o nome especial de casa tôrre, diversa da casa fortificada, ou casa forte, cuja função é a do abrigo dos camponeses com suas famílias em caso de ataque.

A nosso ver, não houve intenção de Garcia D'Ávila construir uma verdadeira fortificação nos moldes mais modernos, no local, visto que a sua superioridade sôbre os índios era evidente. Bastava uma construção à prova de flechas para poder estar à guarda de ataques desse gênero; por outro lado, é quase certo a sua boa amizade com os índios e com os padres da Companhia de Jesus que, destemidos, enfrentavam a mata, em busca de almas e catequizar, e aquêle, de braços para o trabalho.

Do exposto, resta-nos examinar mais detalhadamente o local onde se encontram as ruínas da casa tôrre de Garcia d'Ávila para proceder, se possível, a escavações para averiguar a veracidade do que expõe Borges de Barros a respeito da tôrre de 36 metros de altura, colocada a 6 metros da porta principal (16). Infelizmente a planta que se diz encontrar na Alemanha, referida pelo autor e pelo Professor Godofredo Filho, não foi ainda divulgada (17).

Até aqui, como dissemos, o melhor trabalho sôbre o assunto é o do professor Wanderley Pinho. Mesmo assim, o autor confunde



tôrre com castelo feudal e não consegue determinar a fachada principal do edifício (18).

Das observações feitas por nós, no local, chegamos à conclusão que as ruínas da construção aí existentes são de uma antiga casa senhorial.

Apresenta-se o conjunto em tôda a sua plenitude com uma massa arquitetural a obedecer a dois estágios distintos segundo o que sugerem as técnicas construtivas empregadas. Uma parte compõe-se de capela e cômodos anexos, e está construída em alvenaria de tijolo, guardando ainda alguns elementos construtivos capazes de serem identificados como obra do século XVI. O resto da construção foi feita em alvenaria de pedra, ora com argamassa de cal, ora com pedra sêca, demonstrando uma fase mais evoluída e mais próxima dos nossos dias.

Entre outras observações, anotamos aqui aquelas consideradas de maior importância para o nosso estudo.

1 — Junto à capela, na fachada oeste, existe uma entrada abobadada em arco abatido construída em alvenaria de tijolo. Essa abertura possui maior desenvolvimento que as demais e parece tratar-se da entrada principal da casa tôrre primitiva.

2 — Essa entrada permite o acesso para um amplo cômodo com um pilar central, que em outros tempos deveria sustentar os arcos-mestres, das abóbadas de arestas que cobriam todo o espaço. (Infelizmente a cobertura não existe mais, e do pilar só resta a base. Das abóbadas, restam alguns vestígios das arestas encontrados nos cantos das paredes que limitam o cômodo. Essas abóbadas são do mesmo tipo e a sua técnica construtiva é igual à dos outros cômodos da direita.) As arestas possuíam nervuras feitas em argamassa, conforme exame feito no local.

3 — Esse cômodo quadrado junto à capela não possui, hoje, comunicação direta com a mesma e, provavelmente, sempre foi assim.

A parede do fundo é construída em alvenaria de pedra e termina junto da parede externa da capela-mor da igreja. Esse trecho de encontro, parece-nos, foi construído posteriormente, uma vez que, não existe "amarração" das duas alvenarias. Além disso, a parede vai obstruir o provável "matroneu" existente no princípio e, hoje, íechado, e transformado em altar, pelo lado da capela. No espaço entre a capela e a referida sala existe, hoje, muito entulho. Seria um cômodo próprio do "matroneu" com acesso pelo fundo, ou nesse espaço desenvolvia-se uma escada estreita para os andares superiores?

4 — A fachada oeste mostra duas partes distintas na construção; a do lado norte em alvenaria de pedra (arenito vermelho) vindo provavelmente da Boipeba ou da coroa de Itapitanga, e a da direita (sul) construída em alvenaria de tijolo. Essa última parte pertence à primitiva residência juntamente com a capela pròpriamente dita.

No interior da ala construída de alvenaria de pedra notamos que as vêrgas das janelas superiores são também em arenito, e algumas dessas aberturas possuem "conversadeiras", também de pedra. As janelas dessa fachada são em número de quatro, tôdas com vêrga reta, sendo duas na ala de alvenaria de pedra e duas na ala construída de tijolo. Todo o corpo baixo da construção é cego, sem aberturas deixadas nas ombreiras dessas janelas e que, provável-que, por sua vez, possui na parte superior, entre a vêrga e o beiral, um óculo central.

5 — A pavimentação dos cômodos junto à capela é de ladrilho (tijolo cozido). No cômodo da direita há vestígios de uma escada perdida no interior do maciço da parede. Essa escada deveria dar acesso aos cômodos superiores. No andar superior o piso é do mesmo material colocado sôbre as abóbadas de aresta. Seriam aí os quartos? Todo o pavimento superior sôbre a grande sala junto à capela foi destruído.

6 — Na face norte, no canto para o oeste, existe um arranque de uma abóbada evidenciando provável construção que se estendia até além da gameleira onde se podem ver, hoje, restos de fundações.

7 — No canto de encontro de duas paredes, para o norte, existem 3 pedras formando o arranque de arcos, demonstrado ter existido uma construção para êsse lado. Acima dêsse arranque de arco há uma abertura na parede superior, com as dimensões de uma porta. Isso reforça a nossa hipótese da existência, para êsse lado, de uma construção. Nessa mesma parede, mais a leste, estão duas janelas com mísulas, demonstrando a inexistência de construção superior, pelo menos nessa região onde se encontram as janelas.

8 — Acima das cimalthas de pedra que contornam a construção, podem ser vistas as "bôcas de canhão", que serviam para escoamento das águas dos telhados.

9 — Na parte baixa desta fachada norte, quatro arcos plenos de cantaria completam a construção dêsse trecho.

10 — Ainda na fachada norte, na parte interior das arcadas, existem janelas gradeadas que se abrem para um grande cômodo. (As grades desapareceram mas sua existência é demonstrada pelas aberturas deixadas nas ombreiras dessas janelas e que, provavelmente, serviam para recolher os chumbadores). Êsse trecho da construção teria, provavelmente, além do térreo, mais dois pavimentos superiores.

11 — No cômodo interno (fachada para o pátio), há uma escada de pedra que se desenvolve para sul e permite o acesso para o pavimento superior e daí, contornando a caixa da escada e começando na mesma prumada do primeiro lance, partia uma outra escada para um andar mais alto.

12 — A fachada leste compõe-se de duas alas laterais cegas e uma parte transversal recuada, que é o corpo central da casa. No térreo, próximo ao corpo transversal, são encontrados restos de fundações de pilares que deviam sustentar uma galeria superior de circulação entre as duas alas. Essa galeria seria coberta, conforme nos mostram os vestígios de telhado. (Telhas engastadas na parte superior.) Acima das telhas, na parte central da parede da fachada, há uma calha de pedra localizada na altura do piso de um dos cômodos interiores. Isso nos faz acreditar na existência aí de um quarto de banho, e a calha referida deveria funcionar como condutor das águas servidas que eram despejadas no telhado da galeria, e daí ao pátio central. No térreo há uma porta central sob a passagem superior em forma de peristilo ou alpendre duplo. Na parte superior da galeria há um acesso para a parte central, onde se desenvolve a escada interior. Nas alas laterais existem duas portas de comunicação, uma de cada lado, do mesmo material e técnica construtiva que permitiam a comunicação para essa galeria, hoje inexistente.

13 — Na ala da esquerda, vendo-se pelo leste, no térreo, existem duas filas de cinco arcos que se desenvolvem na direção leste-oeste. Há ausência total de construção superior no trecho das duas filas de cinco arcos, e êsses arcos desenvolvem-se no conjunto, sem simetria.

14 — Na ala da direita, vendo-se pelo leste, existem dois arcos internos para o pátio. Há também nessa ala um cômodo baixo, suspenso do nível atual do chão. Na parte superior dêsse cômodo existe um outro igual em dimensões com janelas e conversadeiras.

15 — A capela possui três portas e é coberta por cúpula sustentada por pendentes. (Parte da nave). O trecho da capela-mor, depois do arco cruzeiro, é abobadado por um quarto de esfera, como uma verdadeira abside. Do lado direito existe uma pequena porta inferior para a pequena sacristia também abobadada. Tôda a construção é feita de tijolo.

Depois do exame procedido no local, não conseguimos determinar a existência da Torre (elemento alto e dominante), se é que existiu aí uma forma alteada capaz de dar ao conjunto o nome de Torre — Casa Torre — Castelo da Torre, segundo os vários autores consultados. Se partirmos da premissa de que não existiu elemento alto, chegaremos à conclusão de que casa e capela formavam, primitivamente, um só conjunto e seria, segundo os conhecimentos adquiridos da arquitetura militar medieval, um todo unitário, diferenciando-se apenas nas suas funções e podendo ser chamado de Casa Torre ou simplesmente Torre. Mas, se atentarmos para o fato de que essa arquitetura serviu como ponto avançado do sistema de defesa da Cidade do Salvador, avisando esta da aproximação de qualquer esquadra inimiga, a conclusão que se chega é a da existência,

em algum lugar do conjunto, de elemento mais alto, do qual seriam feitos os referidos sinais com archotes, fogueiras ou bandeiras para as aldeias mais próximas e dessas, por sua vez, sucessivamente, até S. Antônio da Barra e daí à Cidade do Salvador. Se esse elemento existiu, poderia estar isolado ou incorporado às construções do primeiro período, pois primitivamente já se fala em Tôrre. A construção do século XVI, como sabemos, foi feita em alvenaria de tijolo e, certamente, a Tôrre foi edificada com a mesma técnica construtiva. Seria a capela que funcionaria como Tôrre? Parece-nos não ser verdadeira essa hipótese, pois não há evidência construtiva capaz de permitir maior elevação por sobre a abóbada da cobertura, e de onde, por um terraplano superior, seriam feitos os sinais de aviso. Além disso, o beiral do telhado que contorna toda a construção da capela parece ser ainda o primitivo e nenhum vestígio existe, nesse local, capaz de mostrar o aumento das paredes para o alto. Onde seria então a Tôrre? Onde estaria localizada esta estrutura tão falada e discutida: Para a parte sul, sobre os arcos de pedra e cobertos de lajes, como sugere o Prof. Wanderley Pinho? (19). Vários fatores demonstram o contrário.

A — A técnica construtiva nesta região difere daquela do conjunto primitivo (alvenaria de tijolo). Bastaria isso para eliminarmos a hipótese de Tôrre nesse local. Aí a construção é de pedra e mostra ter sido, segundo supomos, construção posterior — ao do núcleo primitivo de Garcia d'Ávila, o Velho.

B — A técnica construtiva mais recomendada para a construção em aprêço deveria ser a de tijolo, com escada interior de madeira, levando-se em conta a facilidade de trabalho desses materiais e abundância dos mesmos na região.

C — O acesso para a Tôrre, segundo a tradição, deveria estar bem próximo ou incorporado a ela, a partir do rés do chão e através de uma escada interior ou exterior de fácil trânsito. Isso não se verifica, porém, no local que estudamos. Para se chegar ao primeiro andar desse cômodo seríamos obrigados a circular o interior da construção, coisa aliás que não nos parece acertada.

Onde seria então a Tôrre? No lado oeste, a seis metros da porta, como nos diz Borges de Barros? Que levou êle a afirmar tal coisa? Que planta é essa que se diz existir na Alemanha e não conhecemos?

A seis metros do local que julgamos ter sido a porta principal fica a capela e com esse mesmo raio não há vestígios, no terreno, de construção alguma. Seria a seis metros da porta da capela? A entrada principal da Casa ou Tôrre estaria localizada na pequena igreja de N. S. da Conceição? Não há nenhuma comunicação interior entre a casa e a capela. Devemos atentar, porém, para o seguinte ponto.

O arco que julgamos porta principal poderia ser também uma parte de abóboda a sustentar alguma coisa e, por sob essa mesma

abóbada, poder-se-ia penetrar na construção cuja função era a residencial. Sabemos que existiu uma escada exterior terminando sobre o extradorso da abóbada referida. (Ainda restam vestígios.) Que significa isso? Provavelmente era um acesso do exterior para o primeiro pavimento da casa ou para um elemento independente do conjunto. Observando melhor a região, anotamos o seguinte:

1.º) Essa parte da construção é a mais afetada pela destruição.

2.º) Os restos de alvenaria mostram verdadeiros maciços construídos para suportar maiores cargas do que as normais para a construção de dois andares. Seria essa a região mais alta? Tudo nos parece indicar ser esta afirmativa a mais próxima da verdade. Por que se construiu mais resistente aí? Por que se deu maior espessura aos muros nessa região se, à primeira vista, nada de importante pode ser notado? A espessura das paredes evidencia por todos os modos um maior desenvolvimento em altura nessa região. O processo construtivo utilizado é igual ao da capela e casa anexas, obrigando-nos a supor ter sido a construção feita de uma só vez, pertencendo ao primeiro período.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Examinando o número 75 da revista *L'Architettura*, editada na Itália encontramos um exemplar curioso: "Tempietto Sanmicheliano di Villa della Torre, a Fumane". A capela é bastante semelhante a de N.S. da Conceição de Tatuapara. Tem planta octogonal e guarda quase a mesma proporção em altura com a capela baiana. A solução da cobertura é a mesma; as abóbodas interiores e os telhados obedecem aos mesmos princípios.

A técnica construtiva usada é a mesma em todos os seus aspectos e o mais curioso, porém, é a existência de uma Torre anexa a capela. A Torre é ameaçada na parte superior e o paramento de suas paredes é liso, com poucas aberturas, salvo as pequenas seteiras para iluminação, renovação de ar, e também local de vigia. Serve essa Torre como campanário e teria também a sua função militar. Uma escada desenvolve-se no interior da mesma e não existe cômodo de importância capaz de aparecer com função específica. Esse conjunto foi construído em 1558 (data também aproximada da construção do conjunto baiano de Garcia d'Ávila). Esta mostra de arquitetura sugere tantas coisas semelhantes à arquitetura da Bahia que imaginamos a identidade de idéias dos arquitetos que projetaram e construíram a Torre e Templo de Fumane e a Casa Torre e Capela de Tatuapara. O conjunto da Itália foi edificado por Michele Sanmichele, grande arquiteto italiano, possuidor de grandes obras militares, que conheceu Bramante, Miguel Ângelo, Sansovine e Antonio Sangallo dos quais aprendeu, certamente, arquitetura, aplicando os seus conhe-

cimentos em construção de vários templos e obras de arquitetura militar (20). Foi encarregado pelo Papa Clemente VII para fortificar as cidades de Parma e Placência. Segundo alguns autores, foi êle o inventor do bastião triangular ou pentagonal. Foi levado ao Oriente onde fortificou Corfu, Canéia, Candia e Napoli da România. Na Itália, fortificou Pádua, Brecia, Perchiera, Chusa, etc. Construiu o célebre forte de São João do Lido em Veneza, onde fêz vários monumentos e palácios. Qual o arquiteto da Casa Tôres de Garcia D'Ávila? Até o presente momento não conseguimos determinar nada no particular.

Na esperança de que outros estudos mais ricos em detalhes e mais esclarecidos poderão seguir-se ao presente trabalho, concluímos essas breves considerações, fruto das observações procedidas no local. O conjunto magnífico construído por Garcia D'Ávila, o Velho, não pode ser confundido com um castelo medieval, pois foi, desde o início, edificado para servir de Torre.

FERNANDO L. FONSECA

1 ACCIOLI, I. & AMARAL, Brás. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. Salvador, Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1919. VI 266p.

Estância 11 do Regimento de Tomé de Souza:

— “E para serviço e maneira dos ditos engenhos de açúcar lhes dareis aquela terra, que para isso fôr necessário, e as ditas pessoas se obrigarão a fazer cada um em sua terra *uma torre ou Casa forte* da feição e grandeza que lhe declarardes, e será a que nos parecer, segundo o lugar em que estiverem, que levantarão para a segurança do dito engenho e povoadores do seu limite”.

2 BARROS, Borges de. *A Margem da história da Bahia*. Salvador, Imprensa Oficial, 1934.

3 GODOFREDO FILHO. A Torre e o Castelo de Garcia D'Ávila. *R. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.* Rio de Janeiro, (3), 1939.

4 GODOFREDO FILHO — op cit.

5 GODOFREDO FILHO — op cit.

6 BARROS, Borges de — op cit.

7 SANTA MARIA, Agostinho. Frei. Santuário Mariano. *R. Inst. Geogr. Hist. Bahia*, Salvador, (74), s.d.

8 CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre de Garcia D'Ávila*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958. p. 20.

9 SOUZA, Gabriel de. *Tratado descritivo do Brasil*. São Paulo, Martins, s.d. p. 46. (Col. Brasilliana, 117).

- _____ *Notícia do Brasil*. São Paulo, Martins, s.d. p. 130.
- 10 CARDIN, Fernão. *Do Tratado da Terra e da Gente do Brasil, narrativa epistolar*. Rio de Janeiro, s. ep., 1925. p. 311-12.
 - 11 Testemunho de Garcia D'Ávila. *An. Arq. Publ.* Salvador, 6:79, 1920.
 - 12 MORENO, Diogo de Campos. *Livro que dá razão do Estado do Brasil*. Rio de Janeiro, MEC, 1968. p. 39. (Edição fac-similar).
 - 13 PINHO, Wanderley. Em torno do Castelo de Garcia D'Ávila. *R. Inst. Geogr. Hist. Bahia*. Salvador, (55), 1929.
 - 14 PINHO, Wanderley — op cit. p. 406.
 - 15 PINHO, Wanderley — op cit. p. 410.
 - 16 BARROS, Borges de. *A Margem da história da Bahia*. Salvador, Imprensa Oficial, 1934. p. 86-87.
 - _____ *O Primeiro sertão conquistado*. Salvador, Imprensa Oficial, 1934.
 - 17 GODOFREDO FILHO. A Torre e o Castelo de Garcia D'Ávila. *R. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.* Rio de Janeiro, (3): 269, 1939.
 - 18 PINHO, Wanderley — op cit. p. 405.
 - 19 PINHO, Wanderley — op cit. p. 405 e 406.
 - 20 CINETTI, Romano & CONSOLO, Domenico. Il Tempietti Sanmichelano di Villa Della Torre, a Fumane. *L'Architettura*. (75):630, 1962.

BIBLIOGRAFIA

- ACCIOLI, Ignácio & AMARAL, Bras. *Memórias históricas e políticas da Bahia*. Salvador, Impr. Oficial, 1919-1940.
- ANAIS DO ARQUIVO PÚBLICO. *An. Arq. Publ.* Salvador, Imprensa Oficial, 1920. v. 6.
- BARROS, Borges de. *A Margem da história da Bahia*. Salvador, Imprensa Oficial, 1934.
- CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958. (Col. Documentos Brasileiros, 22).
- CAMPOS, Silva. Fortificações da Bahia. *R. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.* Rio de Janeiro, (7), 1940.
- CARDIN, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, 1939.
- CONGRESSO de História da Bahia, 1, Salvador, 1950. *Anais*. Salvador, Benedictina, 1950. 6v.
- FALCAO, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da Bahia*. São Paulo, Of. Gráficas, 1940.
- FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Desenvolvimento da civilização material do Brasil. *R. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.* Rio de Janeiro, (11), 1944.
- GODOFREDO FILHO. A Torre e o Castelo de Garcia D'Ávila. *R. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.* Rio de Janeiro, (3), 1939.
- GNONE, Tomazo. *Dizionario architettonico*. Torino, Società Editoriale Internazionale, 1954.
- LEAO, Joaquim Souza. *Salvador da Bahia de Todos os Santos; iconografias seiscentistas desconhecidas*. Haia, s. ed., 1942.

- LOBO, José de Figueiredo. Fortificações coloniais da Bahia. In: *Anais do 1º Congresso de História da Bahia*. Salvador, Beneditina, 1950.
- MORENO, D'ogo de Campos. *Livro que dá razão do Estado do Brasil. 1612*. Recife, Arquivo Público, 1955. (Edição fac-símilar do MEC).
- PINHO, Wanderley. Em torno do Castelo de Garcia D'Ávila. *R. Inst. Geogr. Hist. Bahia*. Salvador, (55), 1929.
- RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional. *Documentos históricos*. Rio de Janeiro, MEC, s.d.
- SALVADOR. Câmara Municipal. *Atas da Câmara 1669-1684; documentos históricos do Arquivo Municipal*. Salvador, Prefeitura Municipal, s.d. 8v.
- SAMPAIO, Teodoro. *História da fundação da cidade do Salvador*. Salvador, Beneditina, 1949.
- SOUZA, Gabriel Soares. *Tratado descritivo do Brasil*. São Paulo, Martins, s.d. (Col. Brasiliana, 117).
- UCCELI, Arturo. *Storia della tecnica dal medioevo ai nostri giorni*. Milano, Ed. Ulrico Hoepli, 1945.
- VILHENA, Luis dos Santos. *Notícias soteropolitanas e brasílicas*. Salvador. Imprensa Oficial, 1922.